

# Historicizando a literatura: da micro-história de Gaza ao colonialismo português

Ana Mónica Henriques Lopes\*

## RESUMO

Este texto constitui uma experiência onde, através da obra **Ualalapi** de Ungulani Ba Ka Khosa, transformo elementos figurativos de uma cultura em elementos comprobatórios de história mais ampla.

Utilizando a obra **Gungunhana no seu reino** de Maria da Conceição Vilhena para traçar características gerais e para evidenciar alguns aspectos, possibilitando a visualização de um momento da história da colonização portuguesa.

O objetivo deste texto não é construir um trabalho crítico, já que não se estrutura em fundamentação teórica nem documental. Trata-se, apenas, de uma experiência de leitura em que pretendo historicizar uma obra literária, datando-a e transformando os elementos figurativos de uma cultura em elementos comprobativos de uma história mais ampla. Assim, tomarei como base a história do reino de Gaza descrita no livro **Ualalapi** (1991) de Ungulani Ba Ka Khosa e no de Maria da Conceição Vilhena **Gungunhana no seu reino** (1986), para traçar características gerais, evidenciar alguns pontos que julgo importantes, ignorando outros, para criar uma visão linear da história que possa remeter à colonização portuguesa.

Assim, **Ualalapi** será entendido com um romance que, no seu todo, irá narrar o fim da dinastia Jamine. Sendo assim, cada capítulo é um fragmento deste fim que, apesar de sua aparente independência, articula-se com os demais, construindo uma seqüência linear para acontecimentos e explicitando a degeneração de elementos que podem ser tomados como símbolos desta dinastia.

---

\* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

## Os primórdios do reino de Gaza

Por volta de 1820, Sochangana, também chamado de Manicusse, ao entrar em choque com Tchaca, grande chefe Zulu, viu-se obrigado a partir com alguns homens e armas para o norte, estabelecendo-se na região do Limpopo e fundando a dinastia Jamine. Com os povos que habitavam aquela região travou lutas e subjugou-os, obrigando-os a pagar-lhe pesados impostos em gado, marfim, pele de macaco e de gato bravo.

Foi por causa deste incômodo vizinho que os demais régulos foram até as autoridades portuguesas pedir proteção e se oferecer como vassalos. Para resolver todos os conflitos da região, em 1840 Portugal estabelece um acordo com Manicusse.

Em 1858, este morre e o problema da má vizinhança recomeça. Tendo dois filhos, Mawewe e Muzila, como possíveis herdeiros, com a sua morte inaugura-se o problema da sucessão.

Antes de continuarmos, seria bom registrar que entre estes povos não existia a monogamia. Manicusse tinha várias esposas que se dividiam em “pequenas esposas” e “grandes esposas”, sendo as mães de Mawewe e Muzila as principais; a primeira comprada ao dinheiro do rei e a segunda ao dinheiro do angunes. Deveria ser, pela tradição, Mawewe a ocupar o trono e foi isto que aconteceu.

Porém Muzila não aceita e recorre às autoridades portuguesas para solicitar auxílio na empreitada contra Mawewe. Este vinha causando incômodos aos portugueses, chegando inclusive a determinar que abandonassem Moçambique. Foi no embate entre os soldados dos herdeiros que, em 1961, Muzila se torna rei de Gaza e firma um acordo de vassalagem com Portugal, até 1889. Este acordo não foi plenamente cumprido, o que pode ser observado em 1882, quando um novo acordo é assinado e Muzila reconhece ter violado o anterior, pedindo desculpas.

Em 1884, Muzila morre e, para evitar qualquer disputa, seu filho, Gungunhana, manda matar o irmão que, pela tradição, seria o herdeiro do trono. É exatamente aqui que começa o livro de Ungulani Ba Ka Khosa, que será analisado capítulo por capítulo.

## Ualalapi

Se pensarmos o livro enquanto um romance, este capítulo pode ser visto como o primeiro passo para o fim do império de Gaza. Ualalapi, em seu retorno à casa, vê à sua frente dois pangolins, animal que raramente é visto e tem significado de mau agouro. Então pensa no filho e na importância que tem a transmissão cultural: *uma criança de pai e mãe nguni morrer inesperadamente*

Esta simboliza o início da degeneração do exército que prosseguiria durante a doença de Damboia e terminaria no capítulo Fragmentos do Cerco. É interessante notar que Ungulani não acaba com os costumes de uma só vez; vai dando indícios de seu fim ao longo do livro; aqui, foi a morte de um soldado inocente e a desvalorização da crença no mondzo, que fazia parte de uma tradição.

Domia tinha treze anos quando seu pai foi assassinado e, na época de sua vingança, já se haviam passado tantos anos que, de criança, ela havia se tornado mulher; provavelmente quatro ou cinco, atingindo assim a idade de 17 ou 18 anos, o que situaria o ataque, ou melhor, o ano em que o rei foi ferido e ultrajado pela primeira vez em 1989, época em que o Governo português estabeleceu o cargo de Intendente Geral em Majacaze para regular as atividades bélicas de Gungunhana.

### **Damboia**

Damboia, irmã de Muzila, morreu de uma menstruação que durou 3 meses, mas o mais interessante de sua morte é que durante o tempo de sua estranha doença ela foi enlouquecendo, começou a uivar, o sangue saiu de sua cubata e se espalhou pela aldeia poluindo o rio e matando os peixes; todos os dias morriam pessoas.

Mas vejamos como os símbolos foram se deteriorando: os guardas, que cercavam a casa, ficaram surdos com os gritos de Damboia, enquanto outros, não suportando o cheiro, largaram as armas. Assim se desmoronava aos poucos um dos maiores orgulhos dos nguni, o exército. Mas não foi só isso que aconteceu; morreu também a grande conselheira do reino, se não aquela que governava por trás de Gungunhana; pelo menos, foi o que pareceu no episódio da morte de Mefemane.

“Na manhã seguinte começou a chover e à superfície das águas apareceram nados-mortos das mulheres que sempre sonharam ter filhos (...)” (p. 72). Damboia ocupava o lugar de rainha mãe – por consideração, não por direito – e morreu com algum problema no aparelho reprodutor; apareceram na superfície das águas “nados-mortos”, o que pode-ser entendido como fetos ou, ainda, por crianças que nem chegaram a ser gestadas; de qualquer forma, o que este fragmento nos dá por certo é que a rainha mãe morreu e que mulheres não tiveram filhos. Isto nos remete ao ano de 1992, quando Gungunhana comunica ao representante português sua preocupação pela grande diminuição da taxa de natalidade no seu reino.

Portanto, tudo nos leva a considerar a morte da rainha mãe como um símbolo de destruição pois a maneira primária de perpetuação de um povo é a

aos dois anos, sem que esteja adestrada no trato das armas como os pais e avós. A herança, aí representada pela destreza no manejo das armas, demonstra como é marcante o caráter bélico dos nguni. Entretanto, como veremos mais no final, esta tradição vai ser degradada.

Ualalapi e seus companheiros continuaram andando em direção à aldeia. Impressionados ainda pela visão dos pangolins, pensavam no passado e na fragilidade humana. Ao chegarem, Ualalapi se aproxima de uma mulher sentada defronte de uma cubata e a questiona sobre o que se passa. Nesta conversa temos a marcação do primeiro golpe sofrido por Gaza pois a mulher afirma: *Não morreu um homem, morreu o império.* (p. 25)

A morte de Muzila era o início do fim; era a abertura para uma série de arbitrariedades a serem cometidas por Gungunhana, que se revelaria um grande contribuinte para a degeneração de vários símbolos que compunham a cultura nguni.

O primeiro destes símbolos destruídos vem com a coroação de Gungunhane que, pela tradição, não era o herdeiro legítimo e, ao contrário de Muzila que lutou pelo poder, mandara assassinar seu irmão, evitando assim qualquer disputa pelo trono.

Quem mata Mefemane, irmão de Gungunhane e herdeiro legítimo, é Ualalapi que, por fidelidade, vai contra os presságios de sua esposa que o seguiu com o olhar e depois “entrou na cubata e não mais saiu até à morte do filho e dela, afogados pelas lágrimas que não pararam de sair dos olhos desorbitados durante onze dias e onze noites” (p. 46). Onze também é o número de anos do reinado de Gungunhana, como refere mais adiante o próprio autor.

Historicamente, estamos em 1984, ano da morte de Muzila e da Conferência de Berlim, que irá retalhar a África segundo interesses europeus. Tanto num aspecto como no outro era o fim de um período, o início da degeneração e achatamento de uma cultura.

### **A morte de Mputa**

A morte deste guerreiro é contada através das lembranças de sua filha Domia, que se prepara para realizar sua vingança contra Gungunhana, que teria mandado matar Mputa injustamente.

Este relato evidencia o autoritarismo de Gungunhana, que não matou apenas um fiel guerreiro, um homem inocente, mas contrariou as próprias crenças de seu povo. Quando Mputa se defendeu dizendo que não tinha culpa e aceitou beber o mondzo, que, segundo a crença, o mataria se fosse culpado, não morreu envenenado. Mas, por isso mesmo, foi acusado também de bruxaria e por essa razão foi espancado até a morte.

reprodução e sem povo não há império. Além do povo e dos soldados, um terceiro elemento é degradado através da suspensão do Nkuaia, festa anual que durava um mês; nesta, novos soldados eram iniciados e os outros eram preparados; tomavam uma bebida sagrada, dançavam, cantavam, batiam os escudos e alcançavam tal êxtase que matariam qualquer um que ficasse à sua frente. A suspensão simboliza que se aproximava do final a maior marca daquele povo: a belicosidade.

### **O cerco ou fragmentos de um cerco**

Narra o fim da característica bélica do povo nguni, pois a guerra travada contra os chopos não era, para as tradições nguni, uma guerra.

Maguiguane cerca a aldeia. Durante aqueles dias os soldados iam desanimando e até a paisagem se alterou – as árvores se tornaram pardas. Na aldeia, Binguane, rei chope, aguardava a hora de atacar; enquanto isso, os moradores comem-se uns aos outros por causa da fome, o que levou um soldado nguni a observar: “Isso não é guerra, irmão” ( p. 84). Da mesma maneira os portugueses cercaram Majacaze.

Depois da vitória, os soldados nguni não se sentiram satisfeitos, não conseguiram se livrar da tensão nem da solidão; o próprio Gungunhane foi incapaz de vibrar com aquele massacre, apenas agradeceu. No ar, o cheiro de mortos permaneceu durante anos e a população vizinha teve que se mudar.

Foi no período desta luta e da morte de Damboia que o Governo inglês obrigou Portugal a abandonar a parte ocidental de Moçambique que se ligava a Angola. Neste mesmo período, Gungunhana começa a receber armas de fogo dos ingleses e no ano de 1892 Manua, herdeiro ao trono de Gaza, vai estudar numa escola portuguesa e acaba gostando dos costumes europeus.

### **O diário de Manua**

Manua viaja para Lourenço Marques para estudar no ano de 1992; durante a viagem, contrariando os costumes nguni, ele come peixe e durante a noite vomita no barco. A reação dos demais viajantes foi imediata: quiseram colocá-lo para fora mas, não conseguindo em função de sua condição real, maldisseram os negros e contaram histórias de suas bruxarias.

Manua se envergonhou, mas não deixou de querer ser um português, adotando seus hábitos. Em 1895, quando voltou para a aldeia, não durou muito tempo; uns dizem que morreu de *over dose* de aguardente; outros que foi assassinado a mando de seu pai por ter envergonhado os nguni e há ainda quem acredite que tenham sido os antepassados que, irritados com os seus modos, provocaram sua morte. Qualquer uma dessas explicações leva aos hábitos dos

colonizadores que destruíam lentamente uma cultura.

Ungulani ao descrever Manua dá-lhe um diário, símbolo da burguesia européia do século XIX e de um distanciamento dos hábitos nguni, pois não havia escrita. Ora, quem era portador desta contradição – ser nguni e se portar como português – era justamente o herdeiro ao trono, o que mostra a deterioração de mais um símbolo; agora só faltava o próprio Gungunhana.

Manua morre em março de 1895 e em novembro Majacaze é cercada, Gungunhana é preso em Chaimite e deportado; era o fim do império de Gaza.

### **O último discurso de Ngungunhane**

Este capítulo reproduz o que teria sido o último discurso de Gungunhana ao embarcar no paquete. Numa fala profética, relata tudo o que vai acontecer ao povo que o traiu, desde a colonização, a luta de independência, até o período pós independência.

O conteúdo foi passado através da memória oral e, por isso, se entende por que teve um aspecto tão messiânico, já que às palavras de Gungunhana se misturaram às experiências daqueles que as transmitiam, chegando até nós um amálgama das palavras pronunciadas em 1895 e da história de um povo até aos dias atuais.

### **Conclusão**

Ungulani vai dando seqüência ao seu livro na medida em que vai destruindo um por um os símbolos da civilização de Gaza: começa pela própria ascensão ilegal de Gungunhana, passa pela “morte” dos soldados, pela morte da rainha mãe, pela suspensão do nkuaiia, a guerra desvirtuada e a descaracterização e morte do herdeiro.

Desta seqüência é possível, como foi visto, enquadrar a micro-história do reino de Gungunhana, na história da colonização portuguesa, o que foi feito aqui de modo grosseiro e falsamente investigado. Entretanto, a estratégia utilizada serve para mostrar como um historiador pode esvaziar uma obra literária já que, provavelmente, a intenção de Ungulani Ba Ka Khosa não se resumia a isso. Agindo desta forma, perdeu-se o modo como o autor estruturou sua narrativa, como ele utilizou certos símbolos – como o choro de criança e o sangue em dados momentos –, como entremeou elementos do presente na história passada. Para o fim que me propunha tais elementos, embora importantes, se tornavam desnecessários e até um estorvo para a estratégia de descobrir o colonialismo através de Gaza.

Mas o autor não limita sua obra a este reino, às “tradições”, aos elementos narrativos, ele questiona a própria historiografia. No início de cada capítulo

coloca os *fragmentos do fim*, pequenos textos retirados de documentos históricos ou de sua imaginação, às vezes mistura os dois brincando com o significado e a validade de um documento histórico. Observemos a seguinte passagem: “(...) Um relatório pormenorizado, prolixo, mas falho em aspectos importantes que o coronel omitiu(...)”; esta passagem separa o texto em dois, a primeira parte tendo sido tirada de um documento e a segunda sendo uma ficção do autor.

Assim temos em *fragmentos do fim* 1, 4, 5, extratos de documentos, no terceiro uma mistura entre registros de história e ficção e, nos demais, pura imaginação do autor. Para um leitor menos atento tudo se apresentará como registro histórico, o que coloca a questão da construção historiográfica e da verdade histórica, que o autor, enquanto historiador, sabe como é complicada.

#### RESUMEN

Este texto constituye una experiencia en la cuál, através de la obra **Ualalapi** de Ungulani Baka Khosa, se transforman elementos figurativos de una cultura en elementos probatorios de una historia más amplia. Utilizando la obra **Gungunhana no seu reino** de Maria da Conceição Vilhena para trazar las características generales y para evidenciar algunos aspectos, posibilitando la visualización de un momento de la historia de la colonización portuguesa.

#### Referências bibliográficas

BAKAKHOSA, Ungulani. **Ualalapi**. Lisboa: Caminho, 1991.

VILHENA, Maria da Conceição. **Gungunhana no seu reino**. Lisboa: Colibri, 1986.

